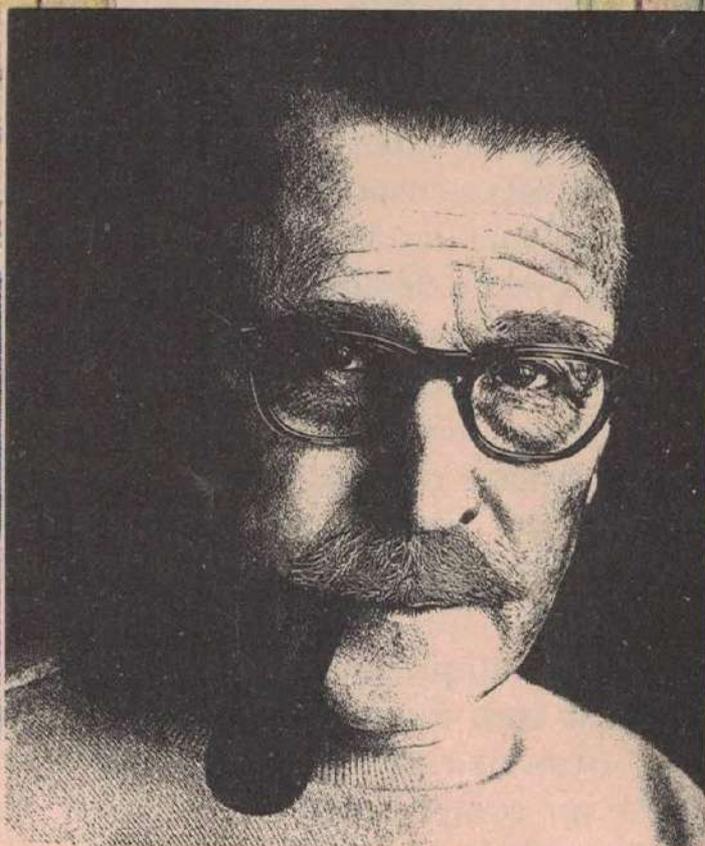


*Os 203 romances
que ele escreveu são
apenas um começo para
o vigoroso criador
de Maigret*



Georges Simenon, *Uma Máquina de Escrever*

EM TRÊS PONTOS pelo menos o belga Georges Simenon, atualmente com 67 anos, pode considerar-se o escritor de ficção mais extraordinário do mundo:

- Escreveu mais livros que qualquer outro romancista em todos os tempos.
- Vendeu uns 300 milhões de exemplares até hoje.
- Seus livros têm sido mais traduzidos do que quaisquer outros, com exceção da Bíblia e dos escritos de Lenine.

Simenon começou a escrever romances aos 16 anos. Aos 25 estava produzindo 40 por ano sob 19 pseudônimos, e, como é natural, perdeu



NOEL F. BUSCH

a conta dos trabalhos que publicou com pseudônimos: mas desde 1929, quando começou a escrever exclusivamente sob seu próprio nome, já publicou um total de 203.

Em 1928, Simenon estabeleceu o seu recorde de velocidade escrevendo um romance completo em 25 horas. Atualmente êle escreve num ritmo mais pausado de quatro livros por ano, dedicando a cada um sete dias, com mais quatro dias para a revisão.

A despeito do volume e da velocidade de sua produção, Simenon tem também direito ao título de escritor vivo mais notável sob mais um aspecto: o da excelência. Auto-

ridades tão diversas como Henry Miller, Thornton Wilder e André Gide colocaram-no na lista dos escritores contemporâneos sérios.

De seus 203 romances, 76 dizem respeito a um detetive fumador de cachimbo chamado Jules Maigret, que êle inventou em 1928. Maigret tornou-se tão famoso como Sherlock Holmes, e os livros de Simenon dedicados a êle são conhecidos geralmente como "Maigrets", assim como os seus outros 127 romances são identificados como "Simenons".

Jules Maigret difere dos demais detetives por estar geralmente menos preocupado com *quem* cometeu o crime do que com os motivos e a mente do culpado. O interêsse do leitor não se concentra tanto em saber *quem fêz isto*, mas *por quê*. E como isso requer mais caracterização do que enrêdo, os "Maigrets" são um convite a um trabalho sério de interpretação quando transferidos para o cinema ou para a televisão. Os melhores atôres do mundo, inclusive Charles Laughton, Harry Baur e Jean Gabin, têm feito o ponderado Maigret.

Os "Simenons" em geral versam sôbre um herói contemporâneo colhido numa situação que o põe à prova até ao limite máximo. O leitor observa o personagem por si mesmo, e não através dos olhos do detetive.

64 Lápis e 320 Cachimbos. Quando Simenon sente um romance "chegando", desmarca todos os compromissos por duas ou três semanas. Como preparo para o trabalho de

escrever, que dura sete dias, êle vai ao médico para um exame geral: durante os primeiros dois dias seu pulso acelera o suficiente para sobrecarregar o coração. Se o médico aprova, Simenon trabalha num horário rígido, começando tôdas as manhãs às 6h 30min. Seu material de trabalho são duas máquinas de escrever elétricas IBM—uma de reserva—e 64 lápis amarelos numa caneca de porcelana.

Depois de três horas de trabalho Simenon toma um banho de chuveiro, toma café, responde a cartas e faz um passeio a pé. Depois do almoço dorme por uma hora; em mais três horas êle termina o capítulo começado de manhã. No fim de cada dia de trabalho, Simenon risca a data num calendário da TWA.

Antes de iniciar um livro Simenon faz um mapa do cenário e anota os incidentes e personagens principais nas costas de um envelope de papel manilha. Procura os nomes de seus personagens em uma coleção de listas telefônicas francesa, alemã, espanhola, italiana e americana. Quando começa a escrever, Simenon procura fazer seu subconsciente ditar o que o personagem central faz ou diz, e o que acontecerá com êle, sem se preocupar com idéias convencionais quanto a trama ou estrutura. A única distração que se permite é fumar cachimbo seguidamente. Êle possui uma coleção de 320 cachimbos, dos quais 50 ficam ao seu alcance. No fim do sétimo dia está terminado o esboço do livro.

Uma semana depois começa o ciclo de quatro dias de revisão. A preocupação é cortar floreios literários. Êle prefere substantivos e verbos que representem atividades visíveis e objetos materiais—não gosta de abstrações. Com isso Simenon encerra o livro.

O fim de um livro nôvo geralmente dá início a um período de três ou quatro dias de comemoração. Normalmente abstêmio, Simenon às vêzes permite-se uma ou duas garrafas de champanha por dia. Pode também dar-se um pequeno presente, freqüentemente um quadro ou outro objeto de arte. Considerada sua rapidez, não é de admirar que as paredes de sua casa estejam cobertas de obras dos melhores modernos—Picasso, Braque, Léger, Derain, Vlaminck e Buffet.

Festejos em Terra e Mar. Ao contrário da maioria dos escritores bem pagos que deixam os contratos e outros detalhes de ordem prática nas mãos de agentes, Simenon trata de tudo pessoalmente. Essa preocupação com os aspectos práticos da profissão literária tem raízes na convicção do autor de que deve assumir inteira responsabilidade por seus trabalhos, e pode também ser devida ao comêço de sua vida, caracterizado pela insegurança financeira. Seu pai era um agente de seguros mal sucedido em Liège. A mãe, uma dona de casa tímida e trabalhadeira, de ascendência germano-holandesa, complementava o salário modesto do pai aceitando pensionistas.

As singularidades dos pensionistas de sua mãe deram ao menino Simenon o contato com uma vasta gama de tipos humanos. Êle utilizou êsse conhecimento em seu primeiro emprêgo no jornal *Gazette de Liège*. Tinha 16 anos quando começou a escrever uma coluna intitulada "Hors du Poulailleur" (Do Galinheiro)— com o pseudônimo de M. Le Coq. Um ano mais tarde iniciou-se na ficção com um romance chamado *Au Pont des Arches*, impossível de ser encontrado atualmente.

Para ser escritor de sucesso em francês é essencial trabalhar em Paris; por isso Simenon mudou-se para lá e arranhou emprêgo de secretário particular de um escritor, depois de um nobre rico. Êsse emprêgo deixava-lhe muito tempo livre, o que lhe permitia constantes contribuições para o mercado de ficção barata de Paris. Simenon logo fêz sucesso, especialmente em têrmos de dinheiro. Deixou o emprêgo, e com 25 anos já podia sustentar uma limusine com chofer de uniforme náutico, que fazia também de capitão do primeiro iate de Simenon. Mantinha também um apartamento com um bar notoriamente bem sortido.

Farras na escala das de Simenon na década de 1920 arruinaram muitas carreiras literárias promissoras. Os convidados que passavam a noite em suas festas geralmente dormiam em sofás, no chão ou onde o cansaço os derrubasse. Mas Simenon estava em sua máquina de escrever às seis da manhã o mais tardar.

As festas em seu iate, o *Ostrogoth*, eram ainda mais extenuantes do que as festas em terra. Entretanto, ancorado em algum pôrto sufocante do Norte da África, êle freqüentemente começava a trabalhar às quatro da manhã, vestido com um roupão de banho, shorts e sandálias. Ao café êle já tinha em geral terminado a tarefa do dia. (Êle se recorda de sessões mais violentas num mês de dezembro especialmente quente na Flórida; à proporção que o dia avançava êle ia tirando as peças de roupa uma a uma até ficar inteiramente nu, com exceção de dois lenços em volta dos pulsos para evitar que o suor estragasse o manuscrito.)

Diagnóstico Errado. A história dos anos menos festivos que precederam o período parisiense de Simenon é contada num livro intitulado *Pedigree*, o único no grande volume de trabalho de Simenon que levou um ano inteiro para ser escrito e que lhe deu mais aborrecimentos do que dinheiro.

A redação dêsse livro em 1942 foi devida em parte a André Gide, um dos melhores amigos de Simenon e também um de seus mais ardorosos admiradores. Gide havia lido parte do rascunho de *Pedigree* e animou Simenon a terminá-lo. Mas quando o livro saiu, os aplausos moderados dos críticos foram abafados por um còro indignado de advogados dos pensionistas de sua mãe, de seus professores e diversos vizinhos de Liège. Todos afirmavam reconhecerem-se em muitos dos personagens e con-

sideravam seus rétratos como injuriosos e passíveis de processo. Quando Simenon conseguiu resolver tôdas as questões, o livro havia-lhe custado mais de 25.000 dólares.

Pedigree diferia também dos outros "Simenons" na motivação do autor para escrevê-lo. No comêço de 1942 Simenon começou a sentir uma dor do lado que ia ficando cada vez pior. As restrições impostas pela ocupação germânica impediam-no de visitar seu médico habitual em Paris. Simenon foi obrigado a consultar um assoberbado clínico local, que, depois de uma apressada radiografia, diagnosticou *angina pectoris*.

—Quanto tempo tenho de vida?
—perguntou Simenon.

—Talvez um ano—respondeu o médico—ou talvez meio ano.

O diagnóstico pôs Simenon na posição de tensão extrema em que êle gosta de colocar os personagens dos seus romances. No seu caso êle achou que a melhor maneira de aproveitar seus últimos dias seria escrever a história de suas origens para ser lida mais tarde por seu filho de três anos. Depois do primeiro mês de trabalho nesse projeto, a dor de Simenon desapareceu. Mas êle já estava tão adiantado no livro que achou que o mais sensato era continuar.

Terminado o livro no fim de 1942, Simenon finalmente obteve permissão para ir consultar o seu médico. Uma nova radiografia, comparada com a primeira, mostrou que o que o colega do interior tomara por um coração doente era apenas uma parte

perfeitamente saudável do estômago de Simenon.

Simenon em Casa. O fim da Segunda Guerra Mundial permitiu a Simenon visitar os Estados Unidos. Sempre inquieto, morou pouco tempo em New Brunswick, na Flórida; em Carmel, na Califórnia, e em Tucson, antes de se estabelecer numa casa colonial em Lakeville, Connecticut. Embora gostasse de dizer que finalmente havia criado raízes, sua necessidade de movimento ainda era forte. Em 1955 voltou à Europa e finalmente mudou-se para um *château* perto de Lausanne. Alguns anos depois empreendeu a construção da casa que ocupa atualmente.

Situada na encosta de uma colina em Epalinges, a casa de 40 peças, construída nos três lados de um retângulo, é uma Feira Mundial de máquinas, engenhocas e novidades mecânicas em miniatura. Contém, entre outras coisas, 21 telefones, sete aparelhos de TV, uma cozinha eletrônica com três fogões elétricos, uma máquina de café-expresso e uma reprodução em tamanho natural de um peixe pré-histórico, o celacanto, em porcelana azul dinamarquesa. Ligada à casa há uma piscina de dimensões olímpicas, cujas paredes exteriores são construídas de tijolos de vidro especiais importados dos Estados Unidos que permitem a passagem dos raios do Sol.

Em Epalinges há uma equipe de nove criados, inclusive um *chef de cuisine* suíço que faz tôda a comida. Ocasionalmente o cardápio inclui al-

gum prato exótico, cuja receita Simenon apanhou em suas viagens.

Ao lado do quarto grande onde Simenon dorme fica um banheiro revestido de mármore negro, com banheira de mármore negro e uma prateleira do mesmo mármore por cima da banheira. Nessa prateleira há diversos patinhos e peixinhos de plástico, colocados ali pelo filho Pierre, de 11 anos, que, apesar de já estar grande para êsses brinquedos, ainda os conserva lá porque desconfia que o pai gosta de brincar com êles quando toma banho. Os outros filhos de Simenon, do segundo casamento, são Johnny, de 20 anos, e Marie-Georges, de 17. O filho mais velho, Marc, fruto de um casamento anterior que terminou em divórcio, mora em Paris.

Lausanne tem muitas clínicas, algumas das quais situadas nos cinco quilômetros de auto-estrada entre a casa de Simenon e a cidade. Das centenas de médicos que trabalham nelas, Simenon conhece dezenas. Assim como algumas pessoas gostam de colecionar selos, Simenon aprecia tudo o que diz respeito à teoria e à prática da Medicina, inclusive o pessoal e os acessórios. Tem uma farmácia em casa, cujas paredes são cobertas de gavetas e armários com suprimentos e equipamento médico para emergências. Quando Simenon projetou a casa teve em vista suas necessidades exatas. Mas não queria que seus herdeiros ficassem presos a uma construção enorme que servisse apenas como residência. A casa é à

prova de som e parte de seu equipamento foi projetada para ser convertida em um sanatório de luxo.

Auto-Retrato. A presença de Simenon em Epalinges não é segrêdo; como o de todo mundo, o número do telefone dêle está no catálogo local em seu nome e profissão—"Georges Simenon, romancier"—mas seus contatos com os vizinhos fora do campo médico são rigorosamente limitados. Entre as exceções estão Charles Chaplin e sua espôsa, que moram a 25 quilômetros de distância e vão com freqüência jantar com êle, levando geralmente um ou mais de seus oito filhos.

Simenon contempla seu sucesso com um ceticismo que beira a incredulidade. Por exemplo, em 1966 êle foi convidado para uma cerimônia no pequeno pôrto holandês de Delfzijl, onde lhe ocorreu a idéia de Maigret. Duzentos representantes de editôras que publicam os livros de Simenon estavam ali para assistir à inauguração de um monumento ao herói-detetive de Simenon.

Um editor de Paris que fêz a viagem para a Holanda com Simenon achou-o muito abatido. Para animá-lo o editor lembrou-lhe que êle ia receber uma honra única na história da literatura. Molière em sua vida nunca assistiu à inauguração de uma estátua a Tartufo, nem Cervantes a Dom Quixote.

—É verdade—murmurou Simenon.—Mas estou pensando nos meus livros. Há dias em que me pergunto se tenho mesmo algum talento.